

“A educação transformou minha vida”

“La educación transformó mi vida”

Leocadia Morales lima de Freitas¹

Resumo

Este relato de experiência, se apresenta como escrivência do corpo-voz de uma mulher preta, fronteiriça, doméstica, mãe e que, com mais de cinquenta anos, pode apropriar-se do que até então lhe fora negado: o acesso ao universo acadêmico na condição de estudante na área da língua e literaturas portuguesas. O que só se realizou com a chegada da universidade pública federal na campanha gaúcha, região que conserva a tradição colonial e racista. A educação superior ainda é lugar da branquitude, os corpos brancos e jovens são a maioria. Além disso, as Letras e Literaturas ensinadas na universidade são fortemente marcadas pela escrita de autores e autoras brancas e pela cultura eurocêntrica. Apesar destas heranças excludentes, o que se escreve aqui é bem mais. Uma escrivência de mulher preta e estudante universitária que tem muito a dizer sobre seus percalços, seus passos, suas vitórias até aqui alcançadas e que a faz corpo-voz das palavras: “A educação transformou minha vida”.

Palavras-Chave: Mulher preta; educação superior; Letras; Literaturas.

Resumen

Este relato de experiencia se presenta como la escrivência del cuerpo-voz de una mujer preta, fronteriza, doméstica, madre y que, con más de cincuenta años, puede apropiarse de lo que hasta entonces le había sido negado: el ingreso al universo académico en la condición de estudiante en el campo de la lengua y literaturas portuguesas. Lo que recién se produjo con la llegada de la universidad pública federal a la campaña gaucha, región que conserva la tradición colonial y racista. La educación superior sigue siendo un lugar de blancura, los cuerpos blancos y jóvenes son mayoría. Además, la literatura que se enseña en la universidad está fuertemente marcada por la escritura de autores blancos y por la cultura eurocéntrica. A pesar de esta herencia excluyente, lo que aquí está escrito es mucho más. Una escrivência de mujer preta y estudiante universitaria que tiene mucho que decir sobre sus reveses, sus pasos, sus victorias logradas hasta ahora y que la hace cuerpo-voz de las palabras: “La educación transformó mi vida”.

Palabras claves: Mujer negra; educación superior; Letras; Literaturas.

1. Introdução

Conceição Evaristo criou a escrivência que, segunda ela, torna-se corpo-voz de valor e potência, pois desfaz a imagem do passado em que a escravização silenciava vozes de mulheres pretas. Em suas próprias palavras: “a escrivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos” (EVARISTO, 2020, p. 30). O corpo-voz dessa escritora ocupa hoje a Academia Brasileira de Letras, antes restrita aos escritores consagrados no estreito mundo da literatura brasileira dominada por homens brancos.

O mundo acadêmico e a educação superior brasileira também prevalecem como privilégio dos brancos, já que a maioria dos/as estudantes pretos e pardos sequer concluem o ensino médio, e os poucos que chegam a ocupar esse espaço, deparam-se com o conhecimento herdado da cultura e ciência europeia.

¹ Graduanda do Curso de Letras e Literaturas da Língua Portuguesa, Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), Bagé, Rio Grande do Sul, Brasil, e-mail: leocadialima.aluno@unipampa.edu.br

Na região da campanha gaúcha não é diferente. A universidade pública só se tornou realidade neste território de forte tradição colonial e racista há pouco mais de duas décadas com a criação da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA). Nela, porém, um número reduzido de corpos pretos circula e ocupa esse lugar. Além do que, as vozes mais ouvidas não vem das suas culturas e histórias. Nos conhecimentos ensinados no campo das Letras e Literaturas raras vezes os corpos-vozes de autores/as pretos/as são vistos e ouvidos.

A despeito de tudo isso, adentrei neste território. É nesse lugar que eu, mulher preta, fronteiriça, doméstica, mãe, com mais de cinquenta anos, vivencio hoje a experiência de estudante universitária do Curso de Línguas e Literaturas Portuguesas. É sobre isso que escrevo neste relato em forma de escrevivência.

2. Mulher preta, fronteiriça, doméstica e mãe e estudante universitária

Nasci em 1969 na cidade de Aceguá, que se situa na fronteira do Brasil com o Uruguai. Em 1976, vim residir em Bagé (RS) e iniciei meus estudos na escola Dr. Vasco da Gama e Silva, onde concluí o ensino fundamental. Após a formatura tinha como meta cursar magistério, mas não foi possível devido à falta de condições financeiras para estudar no período do dia. Acabei cursando ciências contábeis no turno da noite. A graduação também não foi possível por que a cidade não contava com uma universidade pública.

Fui em busca do primeiro emprego, mas na década de 1990 não era fácil para uma mulher preta de baixo poder aquisitivo conseguir trabalho, ainda mais em uma cidade em que a principal atividade econômica é a agropecuária e onde o alto poder aquisitivo se concentra nas mãos dos donos das estâncias. Como citei anteriormente vim de família humilde e precisava trabalhar, não tive escolha e fui para o trabalho doméstico onde estou até hoje. No decorrer dos anos fiz alguns cursos técnicos na esperança de conseguir algo melhor, mas logo formei família e precisava do trabalho de doméstica para complementar a renda familiar.

Finalmente, em 2006, a Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) foi criada com sede em Bagé (RS). Eu já era mãe e meus filhos, diferente de mim, puderam ingressar na educação superior logo que concluíram o ensino médio.

Depois de anos sem estudar, incentivada por meus filhos, resolvi retomar meus estudos e realizar o sonho de cursar uma graduação. Então, no ano de 2020, me tornei graduanda do curso de Letras Português e Literatura de Língua Portuguesa na UNIPAMPA (Campus Bagé). Tive muita força de vontade para enfrentar os desafios, entre eles iniciar meus estudos de forma remota devido a Covid 19. Mas sempre acreditei que nunca é tarde para se obter novos conhecimentos.

Meu percurso de formação na educação superior tem sido rico de experiências e aprendizagens. Em 2021 ingressei no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência campus (PIBID), no campus Bagé, no núcleo de Língua Portuguesa. Também participei do Projeto de Pesquisa - Autores Africanos da Produção Literária Brasileira.

No PIBID, atuei na Escola Estadual de Ensino Médio José Gomes Filho, na turma 201 do segundo ano do ensino médio. As atividades foram feitas remotamente, o que dificultava a atuação das professoras e bolsistas e gerava a falta de interação por parte dos alunos e, o mais essencial do meu ponto de vista, a inexistência da vivência da sala de aula presencial.

Em 2023, participei do Projeto do Programa Residência Pedagógica (PRP) que já estava em andamento. Rapidamente fui integrada ao grupo de colegas pibidianos que, com muita parceria e companheirismo, colocaram-me a par de todos os trabalhos por eles já realizados desde o início do projeto, tais como: variação linguística, Slam Poetry, oralidade, dentre outros. Assim, me integrei em uma proposta de trabalho que só vem a acrescentar novos conhecimentos e com propósitos muito importantes.

Dois anos se passaram e chegou o dia da primeira aula presencial. Conhecer a universidade e dividir o espaço da sala de aula com os professores e colegas foi um momento muito importante para mim, pois eu acredito que para aprender e desenvolver nossos conhecimentos é necessário o contato presencial com os professores e colegas, onde será possível adquirir conhecimentos e compartilhar experiências.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Minha trajetória de vida pessoal e acadêmica reflete a perseverança e a resiliência de uma mulher preta que, apesar das adversidades e limitações impostas pelas circunstâncias socioeconômicas, nunca deixou de lutar por seus sonhos. Cada etapa foi marcada por desafios e superações. A decisão de retomar os estudos após anos afastada do ambiente escolar exigiu coragem e determinação. O ingresso no curso de Letras Português e Literatura de Língua Portuguesa, incentivada por meus filhos, simboliza não apenas a realização de um sonho pessoal, mas também a quebra de barreiras impostas pela sociedade.

Minha participação em programas como o PIBID e o Programa Residência Pedagógica (PRP) possibilitou conhecer mais de perto os desafios da docência e enriqueceu minha formação profissional como educadora. Os projetos de pesquisa e a imersão em autores africanos da produção literária brasileira ampliaram minha visão crítica e contribuíram para uma formação mais completa e diversificada.

Ao concluir este relato em forma de escritivência, espero que minha história inspire outras mulheres pretas, trabalhadoras, mães a persistirem em seus objetivos, independentemente das dificuldades. A educação transformou minha vida, pois acredito firmemente que a busca pelo conhecimento é um caminho contínuo e enriquecedor.

Referências

EVARISTO, C. A escritivência e seus subtextos. In: DUARTE, C. L; NUNES, I. R. (orgs.). *Escritivência: a escrita de nós, reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. 1ª ed. Rio de Janeiro : Mina Comunicação e Arte, 2020. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2021/04/Escritivencia-A-Escrita-de-Nos-Conceicao-Evaristo.pdf> Acesso em 24 setembro 2024.